

**ALGUNS HORIZONTES NA PRÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PRESSUPOSTOS DIALÉTICOS EM METODOLOGIAS EXPERIENCIALIZADAS****ALGUNOS HORIZONTES EM LA PRÁCTICA DE LA ENSEÑANZA DE LA
GEOGRAFÍA: SUPUESTOS DIALÉTICOS EM LAS METODOLOGÍAS
EXPERIMENTADAS**

Joyce de Almeida Borges

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

albojoyceueg@gmail.com

266

Resumo: Diante das formas violentas do capitalismo que tem acirrado as disputas sociais e alargados as distâncias entre classes sociais, a educação e os professores se posicionam como instrumentos capazes de promover reflexões, mudanças na construção de novos sujeitos. Para tanto, os pressupostos para elaboração teórica do artigo são provenientes da abordagem dialética e de temas da Geografia crítica. A metodologia para elaboração e análise para a realização deste artigo foram leituras sistematizadas, reflexões e disciplinas em sala de aula, bem como a experiência de professora nos Ensino Básico lecionando a disciplina de Geografia. Os resultados alcançados foram práticas experiencializadas em sala de aula de cursos de Formação de camponeses (as), estudantes do ensino básico privado e público, estudantes de especializações e de cursos de Graduações sobretudo a partir de leituras, músicas, filmes, e debates em atividades de sala de aula.

Palavras chave: Dialética. Ensino de Geografia. Experiências na educação.

Resumen: Frente a las formas violentas del capitalismo que han recrudecido las disputas sociales y ampliado las distancias entre las clases sociales, la educación y los docentes se posicionan como instrumentos capaces de promover reflexiones, cambios en la construcción de nuevos sujetos. Para eso, los presupuestos para la elaboración teórica del artículo parten del enfoque dialéctico y de los temas de la Geografía Crítica. La metodología de elaboración y análisis para la realización de este artículo fueron lecturas sistematizadas, reflexiones y disciplinas en el aula, así como la experiencia de un docente de Educación Básica impartiendo la disciplina de Geografía. Los resultados alcanzados fueron prácticas vivenciadas en el aula de cursos de formación para campesinos (as), estudiantes de educación básica privada y pública, estudiantes de especialización y cursos de pregrado, especialmente a partir de lecturas, música, cine y debates en actividades de aula.

Palabras clave: Dialéctica. Enseñanza de la Geografía. Experiencias en Educación.

Considerações iniciais

O pensar geográfico parte de fatos, fenômenos e informações. A realidade como se apresenta é real e falsa. O compromisso da dialética é com o real. (CANESIN, 2001). Assim, esta reflexão não parte da abstração, parte de aulas, conversas,

Building the way

observações, estágios, projetos, ações, conflitos e questões que diretamente emergem de experiências em escolas, trabalhamos de 2007 a 2013 com o Ensino Escolar de Escolas Públicas e Privadas de Goiás. De 2010 a 2021 soma-se experiências com o ensino superior em cursos de Licenciatura em Geografia da UEG. Todavia, para fundamentar experiências que possam se consolidar empiricamente buscaremos alguns elementos teóricos que nos amparem na construção de um trajeto que tateie o que consideramos de mais essencial no ensino de Geografia a partir da Dialética.

A apreensão da realidade em sua opacidade se dá com a reflexão que nos possibilita visualizar o desenvolvimento histórico, a constituição de realidades sociais e as contradições desiguais e combinadas da produção capitalista. Esta apreensão faz-se necessária diante da doentia exacerbação da modernidade em relação à produção de mercadorias, individualizações, fetiches e capturas das subjetividades. (RESENDE, 2003). Sendo assim, durante a disciplina intitulada o “Método em Marx”, sob orientação da Prof. Dra Anita Resende realizada na Faculdade de Educação-UFG (Goiânia), cursada em 2016 observamos como as condições históricas do indivíduo são determinantes nas ações sociais e educacionais. E que as condições materiais postas são elementos fundantes na ordenação territorial de classes, da sociedade e da própria educação.

Deste modo, na primeira parte desta discussão, trataremos da dialética, que nada mais é do que a ideia de movimento, mudança. A dialética busca entender o processo e a história. Desde a filosofia hegeliana, a alguns tópicos e exemplos do pensamento dialético. Nesta fase, optaremos por alguns autores como José Paulo Netto (2011), Korsch (2008) e Marx (1978). Estes autores partem da história, da análise e da crítica da economia capitalista para repensar a relação entre sociedade e natureza. Nos apoiaremos em Santos (1996) também para discutir as relações humanas com a técnica, o trabalho e o próprio espaço.

Na segunda parte buscaremos apontar alguns temas geográficos os quais são pertinentes e melhor relacionados a dialética. Nesta etapa, partimos de uma mediação didática a qual propicie o estudante sistematizar um raciocínio provocador e reflexivo. Isto, tendo em vista que para a ampliação do desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos é fundamental a operação de conceitos, a

Building the way

escolha criteriosa de conteúdos e uma preocupação com a compreensão do mundo. (LIBÂNEO, 2011).

Por fim, a terceira parte, apontaremos algumas experiências e possibilidades de vínculos entre o pensamento marxista e as práticas pedagógicas geográficas. A junção da teoria e da prática, é a práxis, a sua realização enfatizaremos. Neste momento, serão relatados a dinâmica das caixas de papel com frases, reflexões e debates. Músicas foram exemplificadas como metodologias. E posteriormente foi organizada uma lista de filmes adotados em diferentes disciplinas de cursos e de espaços de formação.

A dialética

*“Não se trata de uma escolha teórica e sim da forma de apreender a realidade.”
(RESENDE, Anita)*

No Iluminismo, final do século XVII e início do século XVIII a guia da razão se estende a todos os campos do conhecimento. Havia a crença de que todo procedimento submetido à razão elevaria o desenvolvimento e o progresso humano. No século XIX, com o Romantismo, também um movimento filosófico, literário e artístico, ocorre um tensionamento em relação ao Iluminismo como guia universal do conhecimento. O positivismo francês, de Durkheim, fruto do Romantismo traz a ideia de contraposição da razão por meio da ironia, da consciência, da individualidade, a criatividade. No positivismo havia uma preocupação com a correspondência empírica exata e imediata. E a Filosofia passa a analisar a materialização da razão e sua potencialidade para transformar a realidade. E observa que a ciência não é o conhecimento único. A relação entre teoria e prática é característica fundante do Método em Marx¹. Para José Paulo Netto (2011), Marx extraiu o movimento do capital.

¹ Nascido em 05/05/1818, em Treves, no Sul da Prússia (Renana, hoje Alemanha, fronteira com a França). Viveu o século XIX e seus escritos foi para os trabalhadores. Possuía descendência judia, a mãe Henriette Presburg, era holandesa, o pai, Hirshel Marx, era advogado, livre pensador, afastado da religião por influência das ideias filosóficas. Treves estava sob o poder do estado francês, depois sofreu a dominação alemã, e o pai de Karl Marx para evitar as perseguições decide se converter ao protestantismo. Marx viveu uma infância conservadora na adolescência já discordava de práticas reacionárias e autoritárias na escola. Ficou noivo de uma das filhas do barão, amigo de seu pai, Jenny, por 7 anos. Estudou na Universidade de Bonn, depois em 1836 foi estudar em Berlim. Estudou Literatura, Filosofia, defendeu sua tese na universidade de Lena, para não sofrer retaliações. Elaborou
v. 12, n. 1

Building the way

Marx aprendeu com Hegel a não fazer uma leitura dos fenômenos somente a partir da lógica formal, como insistiam alguns filósofos metafísicos², os quais analisavam cada coisa separadamente, não encontrava relações entre as coisas, os seres. Hegel via uma ligação entre os elementos (dialética), e uma relação entre filosofia e realidade. Assim, Marx busca em Hegel as ligações e as contradições das análises para construir o seu método, o Materialismo Histórico e Dialético. Busca apanhar as contradições.

Na filosofia hegeliana a consciência determina a existência, no marxismo é a materialidade que determina a consciência. Para Marx é preciso compreender como a realidade se constitui e não como ela se apresenta. Assim, a ciência produz conhecimento, o método valida o conhecimento do fato, e por meio da descrição busca entender as relações de constância que produzem os fatos. Contudo, José Paulo Netto afirma que Marx e Engels se afastam da filosofia idealista de Hegel e traz novas concepções de natureza e história. E traz novas categorias para pensar a filosofia, a

sua tese em 1838, 1839 e 1840 sob o título: “A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro”. Sofreu influências hegelianas da Fenomenologia do Espírito, do Profe. Eduardo Gans. Lia obras de Hegel, Spinoza, Kant, Leibniz, Aristóteles, Epicuro. A filosofia hegeliana passa a ser perseguida por Frederico Guilherme IV. Não conseguiu um emprego na universidade pelo governo por retalharem intelectuais de esquerda. Resolve escrever para jornais, Gazeta Renana, teve sucesso por um tempo mas ao publicar um artigo contra o absolutismo russo teve o jornal fechado. Em 1843 casa-se com Jenny, mudam-se para Paris, começa-se a se interessar pelos problemas políticos, lê Rousseau, Montesquieu e Maquiável. Começou a estudar a economia política inglesa leu David Ricard, Adam Smith, James Mill para formar sua teoria da alienação. Utiliza Feurbach para afirmar que a religião é uma solução ilusória, que gera conformismo e resignação. Para ele a arma para a humanidade é o proletariado. E a transformação social implica a transformação do sistema.

Marx ingressa na Liga dos justos que depois recebeu o nome de Liga dos Comunistas. Critica Proudhon. Dizendo que ele não passava de um pequeno burguês, Proudhon criticava as greves dos operários e Marx as via como estratégia única de conseguir melhorias a classe trabalhadora. Na Bélgica, foi preso, ele e sua esposa. Foram expulsos de lá, retornam a Paris. Marx retoma a Nova Gazeta Renana, que logo foi suspensa temporariamente. Ataques mais agressivos ao governo, fez com que Marx fosse processado e expulso do país. Em Londres se estabelece até o fim da vida. Mais uma vez reestrutura a Nova Gazeta Renana, funda uma Sociedade Mundial dos Comunistas Revolucionários. Passou grandes dificuldades financeiras em Londres, e Engels o auxiliou bastante. A obra “Contribuição à crítica da economia política”, antecipa algumas ideias de “o capital”, este publicado em 1867. Karl Marx morreu aos 64 anos, na Inglaterra em 14/03/1883, com bronquite crônica e dores de cabeça. Sua esposa, Jenny, morreu em 1881, de câncer no fígado.

² A metafísica é o estudo da natureza do ser. Um estudo sistemático dos fundamentos da realidade e do conhecimento. Podemos exemplificar a maçã que nas abordagens metafísicas poderíamos descrever sua forma, origem, cor e tamanho. Na dialética buscaríamos compara-la com outro fruto, pensar na sua história e processo, por exemplo pensarmos que a Maçã já foi uma semente. Ou que “uma árvore dá maçã e que uma maçã darão árvores”.

Building the way

ciência e a sociedade. As palavras revelam o posicionamento do dizer, por isso é importante pensar em quais as categorias discutidas. As categorias pensadas em uma lógica histórica, de consistência teórica, em uma construção no pensamento da realidade histórica, retêm as relações sociais, a construção da realidade, é comprometida com a realidade histórica, parte das determinações da realidade, compõem a materialidade histórica. As categorias podem ser construídas durante a pesquisa. São elas que irão auxiliar na saturação do objeto pensado com as suas determinações concretas.

Marx e Engels³ passam a produzir teorias que contribuem com as insurgências proletárias da PGM (Alemanha, Áustria, Hungria, Itália), no início do século XX, suas teorias dão base para as frentes populares, na Espanha e França. Também auxilia seus escritos na luta contra o nazismo. Já na década de 1980 após a Guerra Fria e com a Desintegração da URSS, ocorre uma crise do marxismo, contudo, os movimentos sociais passam a se rearticular em uma espécie de revanche, principalmente contra as ditaduras da América Latina. Outros teóricos vão redesenhando os escritos marxistas como a Escola de Frankfurt, como Adorno, Marcuse e Althusser. (KORSCH, 2008).

Na dialética, qual o procedimento que permitirá a compreensão da realidade? Apreensão da verdade em relação ao objeto. Compreensão da realidade, do movimento. O método é a forma como se vê o objeto. A epistemologia (procedimento racional) resulta da práxis. Apreensão teórica do concreto. Concreto pensado- correspondência empírica entre a síntese do teórico e a realidade. Se capta a curva, como o objeto se apresenta. É a síntese da história da realidade e necessita superar a aparência.

Ao realizar nossas abordagens sobre o objeto, precisamos estar atentos às ideologias que nos vendam os olhos, para poder captar a realidade. Pois em a ideologia alemã, Marx (1998) afirma que é a realidade que produz a consciência, e não a consciência que produz a realidade. Uma coisa é o que o objeto é, outra coisa é o que o sujeito diz sobre o objeto. É preciso desvendar o objeto e não a intencionalidade que eu tenho em relação a ele. Algumas categorias nos auxiliam

³ Friedrich Engels, natural de Barein, uma cidade u pouco mais industrializada do que Treves. Era dois anos mais jovem do que Marx. Filho de um industrial rico, também muito influenciado por Hegel. E 1844, Engels e Marx se conhece, Engels escrevia textos para a Gazeta Renana.

Building the way

pensar a partir do procedimento de razão materialista dialético: o singular, o total, o particular, o geral, o passado, o presente. Exemplo: O golpe de 18 de Brumário, o passado se faz presente na política contemporânea brasileira. A universalidade que contém na particularidade e vice-versa. O todo não é a soma das partes, o todo é a síntese das partes.

Todavia, na introdução de “a metafísica da economia política”, Marx (1978) tece algumas observações importantes para analisarmos as relações capitalistas e o movimento dialético:

- 1) Os economistas explicam como se produz as relações dadas-mas não nos explicam como se produzem estas relações, o movimento histórico que as engendra. Para Marx na formalização da razão a história se conta a partir do presente, o presente tem elementos fundamentais para compreender a história. Assim, o presente ilumina o passado, e não o inverso. O passado está oculto no presente.
- 2) O modo de produção produz antagonismos históricos de classes, a transformação nas forças produtivas dos homens conduz a uma transformação nas relações de produção.

Na dialética não existe nada em definitivo. Nesta concepção o novo por exemplo, pode tornar-se velho, a maçã verde pode torna-se madura, um objeto apresenta uma historicidade, a história de um não é a mesma de outro, além da observação do encadeamento de processos. O exemplo para entender este raciocínio pode ser o espiral, que remete ao desenvolvimento histórico. Esta é a lógica. Outro exemplo seria uma árvore que dá maçã e a maçã que darão árvores.

Parte desta observação está também na lógica da contradição e no movimento imanente ao método dialético como pontua Cury (1985, p. 27): “A racionalidade do real se acha no movimento contraditório dos fenômenos pelo qual esses são provisórios e superáveis. A contradição é sinal de que a teoria que a assue leva e conta que ela é o elemento chave das sociedades.” Essa forma de interpretação dos fatos e da realidade pode ser apropriada pelos professores na sala de aula.

Dito isso, consideramos prudente relacionarmos a dialética ao ensino de Geografia e nos atermos a ele como pressupostos de análise para problematização pedagógica de algumas temáticas. Neste âmbito de pensamento, como podemos levar este raciocínio para o ensino de Geografia? Quais temas da Geografia permite

Building the way

horizontes a partir das categorias marxistas de análises? Quais e como podem ser ressaltadas?

Educação Geográfica: alguns indicativos metodológicos de abordagens críticas

Realizada a discussão acerca das relações entre a geografia e o marxismo e algumas concepções de análise já apresentadas no escopo desta ciência, nosso objetivo adiante será apresentar alguns caminhos que leve a construção de uma prática pedagógica a partir deste olhar metodológico mencionado.

Com as teorias marxistas aprendemos inicialmente que a revolução possui uma práxis pedagógica. (SOUSA JUNIOR, 2010) Esta práxis leva a uma possível conscientização. E essa conscientização necessariamente exigiu uma transposição da consciência ingênua (conclusões apressadas, superficiais, que aceitam o passado como melhor) para a consciência crítica (análise profunda, realidade mutável, que indaga, questiona, dialoga) (FREIRE, 2014).

Não é tarefa simples sair da condição de consciência intransitiva para uma consciência transitiva, como propõe Barreiro (2000). O sistema capitalista, as formas de alienação, o poder do Estado pensado sob a égide da classe dominante tentam de todas as formas cooptarem as organizações populares, suas formas de expressão e principalmente suas organizações educacionais que conduzam a um pensamento crítico. É bem mais cômodo ficar em uma zona de estabilidade sem motivações, sem interesses coletivos, com dificuldades de discernimento, buscar explicações teológicas para conflitos sociais e políticos, ausentar-se da participação política e conscientemente não se engajar. A consciência intransitiva é acomodada, mas não é a que liberta.

Como apontamos na concepção dialética, partimos de determinações concretas as quais busca a autonomia e a emancipação do sujeito. Mesmo diante de um contexto de fragmentação e heterogeneidade da classe trabalhadora, de uma educação projetada como mercadoria, tempos de muita informação sem reflexão, militarização escolar, escola se partido, de reformas liberais como a BNCC⁴, mesmo diante de várias tentativas do capital em definir como a educação deve ser gerida e

⁴ Base Nacional Comum Curricular.
v. 12, n. 1

Building the way

coordenada, partimos de possibilidades metodológicas para contrapor questões importantes a serem tratadas entre o ensino fundamental e médio de Geografia. Neste universo pedagógico, optamos por elencar alguns temas ligados ao capitalismo, e aos temas de conteúdos geográficos para debater metodologias e abordagens as quais possa ser aplicada cotidianamente em escolas do campo e da cidade.

As desigualdades capitalistas

“Em uma sociedade desigual, não se é possível produzir algo igual.” (CANESIN, 2001)

Ao tratarmos de elementos centrais do capitalismo em uma abordagem dialética, partimos de experiências já adotadas em sala de aula nos anos de 2007 a 2021 em escolas públicas e privadas dos municípios de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Minaçu e Itapuranga. Sabemos que, ora as desigualdades sociais estão inerentes a realidade dos estudantes e professores, ora são sintomas de problemas urbanos e do campo e podem ser problematizadas a partir de alguns dados que remete a realidade dos países pobres em relação aos países ricos e a realidade brasileira na produção alimentar como citou Sousa Santos (2000, p. 23):

Não parece que falte no mundo de hoje situações ou condições que nos suscite desconforto ou indignação e nos produza inconformismo. Basta rever até que ponto as grandes promessas da modernidade permanecem incumpridas ou o seu cumprimento redundou e efeitos perversos. No que respeita à promessa da igualdade os países capitalistas avançados com 21% da população mundial controla 78% da produção mundial de bens e serviços e consome 75% de toda a energia produzida. Os trabalhadores do Terceiro mundo do setor têxtil ou da eletrônica ganha 20 vezes menos que os trabalhadores da Europa e da América do norte na realização das essas tarefas e com a mesma produtividade. Desde que a crise da dívida rebentou no início da década de 80, os países devedores do Terceiro mundo têm vindo a contribuir e termos líquidos para a riqueza dos países desenvolvidos pagando a estes e média por ano ais de 30 bilhões de dólares do que o que recebera e novos empréstimos. No mesmo período a alimentação disponível nos países do Terceiro mundo foi reduzida e cerca de 30%. No entanto só a área de produção de soja no Brasil daria para alimentar 40 milhões de pessoas se nela fosse cultivados milho e feijão. Ais pessoas morreram de fome no nosso século que em qualquer dos séculos precedentes. A distância entre países ricos e países pobres e entre ricos e pobres no mesmo país não te cessado de aumentar.

Identificar as causas que leva ao aumento da desigualdade é papel do professor de Geografia. Entender as consequências dessa desigualdade cabe aos estudantes. As metodologias precisam ser bem pensadas, se reflexões aligeiradas, pensando o local e o global. (círculos concêntricos) São muitas exigências aos docentes e poucas condições para cumpri-las. As caixas de papéis com frases, tempestades mentais, círculos de batatinha quentes, motivam os estudantes, libertam as ideias e possibilita maior interação entre os colegas. Dá uma anilhada nas turmas. É uma ótima ferramenta para diferentes etapas de ensino.

Um exemplo bem simples trabalhado em sala de aula, coo crítica as desigualdades capitalistas são as bolas de papéis, as quais ao se juntarem vão crescendo e formando a renda da classe dominantes e as bolas que vão ficando com menos papéis são a classe pobre e explorada. Pode se jogar as bolas de papéis entre os alunos e pedir para procurarem na sala, uns vão ficar com as bolas outros não. Isso já é uma problematização. Outro exemplo a ser citado é, “só existe ricos porque exploram os pobres”, frases curtas, porém enfáticas que auxiliam a explicar os conflitos entre classes sociais. Obviamente que não é algo tão simplificado. Merece tempo, outros exemplos contextualizados e discussão durante as aulas.

As questões ambientais e climáticas

Uma boa relação entre professor e aluno, é aquela “que promove e amplia o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos por meio dos conteúdos.” (LIBÂNEO, 2011. p.90). O conhecimento se estabelece acerca de cada ciência, com “o desenvolvimento de competências cognitivas para a compreensão do mundo, na profissão, na política e na cultura”. (idem, 2011. p.91).

O professor precisa lidar com as subjetividades dos estudantes, considerar a motivação deles, necessita de planejamento com reflexão e seleção de conteúdos e olhares contemporâneos. É um conjunto de atividades as quais o professor elabora para que seus estudantes agreguem elementos de análise e possa utilizar os conceitos como fermentas mentais.

Building the way

Algumas músicas e poesias trazem estrofes e trechos capazes de despertar a criticidade dos estudantes e relaciona-las às enchentes e alterações climáticas nos grandes centros urbanos. Na disciplina de Hidrogeografia, citamos por exemplo, a poesia “Lamento de um rio”, de Scheilla Lobato:

275

Me perdoem por toda esta "bagunça"... Eu só queria passar.
Eu não fui feito pra Destruir... Eu só queria passar.

Já fui Esperança para os Navegantes...
Rede cheia para Pescadores...
Refresco para os banhistas em dias de intenso calor.
Hoje sou sinônimo de Medo e Dor...

Mas, eu só queria passar...

Me perdoem por suas casas
Por seus móveis e imóveis
Por seus animais
Por suas plantações... Eu só queria passar.

Não sou seu inimigo
Não sou um vilão
Não nasci pra destruição...
Eu só queria passar.

Era o meu curso natural
Só estava seguindo meu destino
Mas, me violentaram,
Sufocaram minhas nascentes
Desmataram meu leito... Quando eu só queria passar.

Encontrei tanta coisa estranha pelo caminho... Que me fizeram
Transbordar...
Muros
Casas
Entulhos
Garrafas
Lixo
Pontes
Pedras
Paus...
Tentei desviar ... Porque eu só queria passar.

Me perdoem por inundar sua história,
Me perdoem por manchar esta história...
Eu só estava passando...

Seguindo o meu trajeto

Building the way

Cumprindo o meu destino:
Passar....

Esta modalidade metodológica é bastante aproveitada por autores de livros didáticos de Geografia e de Língua Portuguesa. Provocar a escrita e a reflexão a partir de textos assim é um excelente exercício para que os estudantes dissertem seu ponto de vista e construam suas narrativas.

276

Ligada a essa mesma temática de estudo, fatores climáticos e ambientais nas relações entre ser humano e natureza e as ações do capitalismo, nos apropriamos de uma música de *reggae* de Edson Gomes, denominada “Calamidade pública” trabalhada na especialização da UEG/Itapuranga na disciplina de “Identidade e cultura” para contextualizar fatos recentes introdutórios da aula:

Nasci no fim do mundo
Vivo no fim do mundo
Aqui nesse fim de mundo
Vivo como um condenado
Pois nada sobrou pra mim
Quando as casas caem
Sinto-me triste demais
Pois no meio dos escombros
Bem que eu poderia, eu poderia estar
Minha família, os meus amigos
A minha família estava lá
Todo ano isso ocorre
É sempre o mesmo corre-corre
Todo ano a hipocrisia
Faz parte dessa agonia
Demagogos, oportunistas
Vejam as vítimas
De toda a inoperância
Da brutal ganância
Quando a chuva cai
É um sacrifício a mais
A gente já não vive em paz
E quando essa chuva cai
Piora tudo aqui e a gente fica assim
Pedindo clemência, correndo risco
Tudo é perigo
Correndo risco, a morte pulsa mais
Queremos ajuda, mas não tem ajuda
Não temos culpa de sermos tão pobres assim
É calamidade pública
Queremos ajuda!
Moro no fim do mundo
Vivo nesse fim de mundo

Building the way

277

Rastejo aqui no fim do mundo
E sinto um desgosto profundo
E muito mais
Minha família, os meus amigos
Agora estão soterrados, estavam lá
Chuva, lá vem ela
Chuva, lá vem ela e vem sem dó
Lá vem, lá vem, lá vem, lá vem, lá vem
Moro no fim do mundo
Vivo nesse fim de mundo
Rastejo aqui no fim do mundo
E sinto um desgosto profundo
E muito mais
Minha família, os meus amigos
A minha família, estava lá
Chuva, lá vem ela
Chuva, lá vem ela e vem sem dó
Lá vem, lá vem, lá vem, lá vem, lá vem (bis)

Essa música problematiza como a questão das chuvas atinge principalmente as pessoas de menor poder aquisitivo, a violência social causada pela inoperância do estado e não apenas pelas questões de ordem natural.

O capitalismo no campo

Em meio a um cenário de mudanças no código florestal, afronta aos grupos étnicos indígenas e quilombolas provenientes de uma política contemporânea de desmantelamento a muitas conquistas propiciadas a estes povos nas últimas décadas. A música “Os reis do agronegócio”, de Chico César foi tocada e escutada em nossos debates para abrir cursos, pensar questões postas, foi utilizada na produção de artigos científicos e os estudantes gostaram bastante:

Ó donos do agrobis, ó reis do agronegócio
Ó produtores de alimentos com veneno
Vocês que aumentam todo ano sua posse
E que poluem cada palmo de terreno
E que possuem cada qual um latifúndio
E que destratam e destroem o ambiente
De cada mente de vocês olhei no fundo
E vi o quanto cada um, no fundo, mente
E vocês desterram povaréus ao léu que erram
E não empregam tanta gente como pregam
Vocês não matam nem a fome que há na terra
Nem alimentam tanto a gente como alegam

É o pequeno produtor que nos provê
E os seus deputados não protegem, como dizem
Outra mentira de vocês, pinóquios véios
E vocês já viram como tá o seu nariz, hem?
Vocês me dizem que o Brasil não desenvolve
Sem o agrebis feroz, desenvolvimentista
Mas até hoje, na verdade, nunca houve
Um desenvolvimento tão destrutivista
É o que diz aquele que vocês não ouvem
O cientista, essa voz, a da ciência
Tampouco a voz da consciência os comove
Vocês só ouvem algo por conveniência
Para vocês, que emitem montes de dióxido
Para vocês, que têm um gênio neurastênico
Pobre tem mais é que comer com agrotóxico
Povo tem mais é que comer, se tem transgênico
É o que acha, é o que disse um certo dia
Miss motosserrainha do desmatamento
Já o que eu acho é que vocês é que deviam
Diariamente só comer seu alimento
Vocês se elegem e legislam, feito cínicos
Em causa própria ou de empresa coligada
O frigo, a multi de transgene e agentes químicos
Que bancam cada deputado da bancada
Até comunista cai no lobby antiecológico
Do ruralista cujo clã é um grande clube
Inclui até quem é racista e homofóbico
Vocês abafam, mas tá tudo no YouTube
Vocês que enxotam o que luta por justiça
Vocês que oprimem quem produz e que preserva
Vocês que pilham, assediam e cobiçam
A terra indígena, o quilombo e a reserva
Vocês que podam e que fodem e que ferram
Quem represente pela frente uma barreira
Seja o posseiro, o seringueiro ou o sem-terra
O extrativista, o ambientalista ou a freira
Vocês que criam, matam cruelmente bois
Cujas carcaças formam um enorme lixo
Vocês que exterminam peixes, caracóis
Sapos e pássaros e abelhas do seu nicho
E que rebaixam planta, bicho e outros entes
E acham pobre, preto e índio tudo chucro
Por que dispensam tal desprezo a um vivente?
Por que só prezam e só pensam no seu lucro?
Eu vejo a liberdade dada aos que se põem
Além da lei, na lista do trabalho escravo
E a anistia concedida aos que destroem
O verde, a vida, sem morrer com um centavo
Com dor eu vejo cenas de horror tão fortes
Tal como eu vejo com amor a fonte linda
E além do monte um pôr do sol, porque
Por sorte vocês não destruíram o horizonte ainda

Building the way

279

Seu avião derrama a chuva de veneno
Na plantação e causa a náusea violenta
E a intoxicação ne' adultos e pequenos
Na mãe que contamina o filho que amamenta
Provoca aborto e suicídio o inseticida
Mas na mansão o fato não sensibiliza
Vocês já não tão nem aí com aquelas vidas
Vejam como é que o ogrobis desumaniza
Desmata Minas, a Amazônia, Mato Grosso
Infecta solo, rio, ar, lençol freático
Consome, mais do que qualquer outro negócio
Um quatrilhão de litros d'água, o que é dramático
Por tanto mal, do qual vocês não se redimem
Por tal excesso que só leva à escassez
Por essa seca, essa crise, esse crime
Não há maiores responsáveis que vocês
Eu vejo o campo de vocês ficar infértil
Num tempo um tanto longe ainda, mas não muito
E eu vejo a terra de vocês restar estéril
Num tempo cada vez mais perto, e lhes pergunto
O que será que os seus filhos acharão
De vocês diante de um legado tão nefasto?
Vocês que fazem das fazendas, hoje
Um grande deserto verde só de soja, de cana ou de pasto?
Pelos milhares que ontem foram e amanhã serão
Mortos pelo grão-negócio de vocês
Pelos milhares dessas vítimas de câncer
De fome e sede, e fogo e bala, e de AVCs
Saibam vocês, que ganham com um negócio desse
Muitos milhões, enquanto perdem sua alma
Que eu me alegraria, se afinal, morresse
Esse sistema que nos causa tanto trauma
Eu me alegraria, se afinal, morresse
Esse sistema que nos causa tanto trauma
Eu me alegraria, oh
Esse sistema que nos causa tanto trauma
Ó donos do agrobis, ó reis do agronegócio
Ó produtores de alimento com veneno

Possibilidades fílmicas

A produção cinematográfica é um texto gerador. O filme é uma importante ferramenta didática, de mesmo valor equiparado ao uso de jornais, histórias em quadrinhos, literaturas, pinturas, reportagens, dados gráficos, mapas e documentos históricos nas salas de aula. (BUENO, 2013).

Recomenda-se a elaboração prévia de roteiro com perguntas sobre os filmes e documentários aplicados, bem como uma possível discussão posterior a

Building the way

exposição do material. Perguntas ampliadas após a exibição das histórias também auxiliam na aprimoração de conceitos.

Optamos a título de pesquisa docente em experiências com práticas educativas, apenas citar 24 filmes utilizados de 2007 a 2020 e aulas de Geografia em cursos de licenciaturas da UEG, em cursos, especializações, e turmas de escolas públicas e privadas (Escola Integral, Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas e Colégio Estadual Estrela do Sul):

Figura 01: Filmes que retratam conflitos territoriais-políticos e críticas ao capitalismo

Parasita	Jardineiro fiel
Bacurau	O povo brasileiro
Mulheres das águas	Cidade de Deus
Sertão Velho Cerrado	O sonho de pedra-Ailton Krenak
Pantera negra	Travestis da rua da frente
Caramuru	Zumbi dos Palmares, presente na luta!
Democracia em vertigem	Guerra de Canudos
De gravatas pretas e unhas vermelhas	Que é isso companheiro?
Diamante de sangue	A pátria da água
O veneno está na mesa	Amazonas
Da servidão moderna	Educação proibida
Ilha das flores	Roda Viva-Milton Santos

Organização: Seleção de principais filmes e documentários sugeridos ou aplicados em escolas públicas e cursos de formação com estudantes de Itapuranga, Goiás, Minaçu, Aparecida de Goiânia e Goiânia nas aulas e disciplinas ligadas a Geografia Humana e a educação relacionados aos conflitos territoriais. (BORGES, Joyce de Almeida. 2022.)

Rodas de conversas e divisão de grupos para apresentação dos mesmos também são instrumentos favoráveis a participação efetiva dos estudantes, à motivação para a pesquisa, bem como, a elaboração de comentários e escrita. Essa metodologia foi aplicada junto a disciplina de Diversidade, cidadania e direitos ministrada na UEG nos anos de 2019/2020/2022 com documentários do *yo tube* ligados a discussão de gênero, sexualidade e transexualidade.

As atividades cinematográficas são bastante utilizadas nas aulas de histórias conforme conversas com nossos colegas também docentes desta área de formação. Partindo de um olhar dos professores historiadores, eles nos ensinam que as problematizações entre o passado e o presente são elementos possibilitadores de aprendizado aos nossos estudantes, foco metodológico central, da dialética, discutida ao longo desta reflexão.

Considerações finais

Superar a formação mecanicista, a qual não possibilita o desenvolvimento de um raciocínio próprio do estudante, os quais um não relaciona um conceito com o outro, ou não sabe aplicar o conhecimento e situações novas ou diferentes é um desafio cotidiano. Esse artigo teve por objetivo expor temáticas *sui generis* e essenciais ao ensino de Geografia, que por meio da dialética pode enriquecer práticas aos quais os estudantes confrontem os conceitos cotidianos com os científicos.

Aprender algo com crianças, jovens e adultos é capturar uma mínima parte da beleza de cada um, que em suas singularidades conseguem traduzir parte de seus esforços, reflexões, interesses, divergências, aspirações, contradições e motivações. O desenvolvimento intelectual dos estudantes é uma coisa brilhante de ser percebida, notada, merece comentários e acabam sempre nos surpreendendo de alguma forma. Quando achamos que nosso papel não tem tanta importância lá vem eles nos mostrar que nossas conversas dizem bem mais do que pensamos. Cumplicidade e reciprocidade. Os que têm mais dificuldades, porém se manifestam na sua individualidade, na diferença, também nos mostrando outras formas de captar as coisas.

É possível que nos ambientes formais da educação, exista competições entre professores e alunos. Entretanto é possível também uma interação sincera. Sadia. Quando pensamos que não estão atentos aparecem com um gesto, uma sugestão de leitura ou de filmes relacionada às aulas, comentários com propriedade, falas alongadas e às vezes até bem amadurecidas. Cabe-nos escutar. Opinar. Respirar. De repente falta o que dizer. De repente estamos tão cansados que já nem sabemos o que estamos mais dizendo. Eis a docência.

A pandemia do Covid-19 também nos ensinou bastante. A cada câmera desligada, uma angústia, uma dificuldade e perceber e desconhecer aquele sujeito ali por trás. Tinha dias que falávamos. Falávamos. Esperando um retorno. E às vezes aparecia somente o silêncio a nos questionar. Notícias de professores antigos que faleceram, notícias entre nossos pares com a doença, colegas de outras áreas que se foram, alunos que chegavam com atestados positivados para o Corona vírus. Por outro lado, os reencontros e *lives* com colegas da graduação, aulas coletivas com

Building the way

parceiros da mesma área, interdisciplinarizações, reinvenções. Palestras de todo o mundo, informações circulando de maneira efêmera. Re-existir em outra forma de conceber o aprender e o ensinar.

Conjuntamente e dialeticamente o mundo se transforma, com a ajuda da Geografia. Da História. Da matemática. Da Filosofia. Das ciências. E são elas que nos dão respaldo no sentido de continuar querendo entender, querendo explicar, querendo dizer e ouvir coisas ainda não decifradas. Sem elas? Não saberia dizer como estaria a humanidade hoje. O mais importante ao ensinar para os (as) estudantes o que os pressupostos dialéticos têm a nos mostrar é reforçar a ideia de cooperação, coletividade, interação entre os colegas, ajuda mútua, ligação entre os fatos, acredito que aí está a grande contribuição desse arcabouço metodológico.

REFERENCIAS

BUENO, Wilmara R. D. *O cinema como ferramenta didática*. Monografia: UEG/Minaçu, 2013.

CANESIN, Maria Tereza. O lógico e o histórico no método dialético. In: *Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e educação*. Goiânia: UCG, 2001.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. SP: Cortez, autores associados, 1985.

ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. RJ: Paz e terra, 1979.

_____. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Tradução: Leandro Konder. RJ: Civilização brasileira, 1984.

FREIRE. *Pedagogia do oprimido*. SP: Instituto Paulo Freire, 2014.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. [trad. José Paulo Netto]. RJ: UFRJ, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In: *Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática*. Organizadores: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa, LIMONTA, Sandra Valéria. Goiânia: PUC, Goiás, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução: Luis Claudio Castro e Costa. SP: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. SP: Abril Cultura, 1978.

Building the way

PAULO NETTO, José. *Introdução ao estudo do método em Marx*. SP: expressão popular, 2011.

RESENDE, Anita Cristina A. O processo de individualização: alienação do homem. *Revista Estudos*. Goiânia. v. 30. n. 01. p. 201-215. Jan, 2003.

SOUSA JUNIOR, Justino de. *Marx e a crítica da educação*. SP: ideias e letras, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*. SP: Cortez, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.